

## O itinerário do efebo no *Bom-Crioulo*

Batista de Lima

*Bom-crioulo* é o relato dos ritos por que passa o personagem Aleixo, até culminar com a sua imolação. Aleixo é o efebo. O efebo é o cordeiro do sacrifício. Antes, porém, de transitarmos essa trajetória do efebo, é bom que se conheçam algumas circunstâncias que levaram Adolfo Caminha à criação desse romance.

Cearense, da cidade litorânea de Aracati, Adolfo Caminha aos dez anos perde a mãe e passa a residir no Rio de Janeiro, com um tio que o leva a matricular-se na Escola Naval, aos treze. Aos dezoito anos já é guarda-marinha e viaja pelas Antilhas e Estados Unidos para participar com a embarcação em que serve de uma feira internacional de indústria naval. Dessa viagem resulta *No país dos ianques*, notas de viagem, editado em forma de livro. Logo em seguida retorna ao Ceará, como marinheiro, e participa ativamente da vida literária da cidade de Fortaleza, cenário do grande escândalo que provocou por ter se unido à esposa de um oficial do Exército. A partir de então, seu dia-a-dia na Marinha se complica e ele não perdoa a sociedade fortalezense que o discrimina. Em seu livro *A normalista* (1893) ele demonstra o preconceito provinciano da cidade. Também não perdoa a Marinha, ao denunciar a tortura e o homossexualismo através de *Bom-crioulo* (1895).

*Bom-crioulo*, romance naturalista, é uma história de paixão e morte entre Amaro, Aleixo e Carolina. O tema central é a relação homossexual entre Amaro (*Bom-crioulo*) e Aleixo. O autor porém não toma partido, não levanta nenhuma bandeira. Com imparcialidade de cientista, nem é contra, nem a favor. "O narrador mantém-se naquela posição de frieza tão característica da estética naturalista" (CAMPEDELLI, 1983:7).

Narrativa de tema único, o homossexualismo, apresentada em terceira pessoa, *Bom-crioulo* é citado como primeiro romance em língua portuguesa a tratar desse tema, afirmativa com a qual não concorda Sânzio de Azevedo (1997:100) ao apresentar os livros *O Barão de*

*Lavos*, de Abel Botelho, de 1891, e *Um homem gasto*, de Ferreira Leal, de 1885, que anteriormente já trataram do mesmo assunto. Outra constatação do Professor Sâncio foi com relação ao tratamento ríspido com que a crítica brasileira tratou essa obra de Adolfo Caminha. Daí citar como inquisitoriais as críticas de: José Veríssimo, Valentim Magalhães, Antônio Sales, Lúcia Miguel Pereira e Valdemar Cavalcanti.

Diante disso, o que observamos é que desde a criação da obra, privilegia-se o personagem Amaro, a ponto do próprio título do livro ser seu apelido: *Bom-crioulo*. Parece que, propositadamente, o enfoque principal é centralizado na figura pintada para ser horripilante, do negro marinho. Na nossa leitura, procuramos mudar o direcionamento desse enfoque ao distinguirmos o personagem Aleixo como verdadeiro referencial onde se incrustam as principais teses naturalistas presentes no corpo da obra. Para isso aludimos à sua performance, qualidades inerentes ao efebo, figura tão presente na antigüidade clássica e muito bem estudada por Foucault (1984:165) quando trata das preferências sexuais da elite da época.

Aleixo é, pois, um efebo, apresentado no livro, na sua atividade efêmera, como um cordeiro preparado para o sacrifício no altar das experiências naturalistas. Verdadeira cobaia de laboratório, ele passa por várias fases até chegar à indigência do corpo imolado no altar do sacrifício: o cais do porto do Rio de Janeiro. Poderia ficar nessa indigência se a obra literária, mesmo a naturalista, não tivesse na sua aura de subjetividade a capacidade de se instaurar no leitor, que se tornando co-autor da escritura, resgata o personagem do carneiro onde seria depositado como carcaça e o emancipa como átomo da sociedade atual, onde o homem é cordeiro para ser imolado no altar das inovações sociais. Aleixo, pois, passa por vários rituais ao longo do livro: a doação, pela família; a iniciação, pelo Bom-crioulo; a emancipação, por Carolina; a imolação, por Amaro; e a instauração, pelo leitor.

## **A doação**

Filho de família pobre, de Santa Catarina, no final do século, o garoto tinha poucas perspectivas de vida. Naquele tempo, alternativa de vida era o internato, em seminários, objetivando uma vida sacer-

dotal, vide *O ateneu*, de Raul Pompéia, ou a vida militar: Exército ou Marinha do Brasil, na segunda metade do século XIX. Não é surpresa, pois, que o personagem Aleixo fosse ingressar na Marinha, coincidentemente, mesmo destino que tomara o autor, no início da vida. Ao ir para a Marinha, a família como que doava o filho homem a um novo lar. Quando a família dá Aleixo à Marinha, “o tal grumete, o belo marinheiro de olhos azuis, que embarcara no Sul” (CAMINHA, 1983:21), essa Marinha aos poucos vai se tornando Amaro (o Bom-crioulo). Amaro é a encarnação da Marinha: o poder da força, o preço da proteção e o carrasco final. A doação, pois, de Aleixo é ao Bom-crioulo, num segundo momento. Aí a Marinha perde seu poder, e é Bom-crioulo que vai dirigindo o destino de Aleixo, após se apaixonar pelo grumete, afinal, no primeiro encontro, “o pequeno, uma criança de quinze anos, abalava toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante como a força magnética de um imã”. (CAMINHA, 1983: 21).

Doado como o cordeiro para o sacrifício, Aleixo era retrato da submissão total, da fragilidade.

*Aleixo só fazia responder timidamente: – sim senhor – com um arzinho ingênuo de menino obediente, os olhos muito claros, de azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos.* (CAMINHA, 1983:22)

Quanto ao negro, era o oposto, o mandonismo, o carrasco, a força. “Era uma massa bruta de músculos a serviço de um magnífico aparelho humano” (CAMINHA, 1983:22). Assim, estava Aleixo totalmente sob o controle de Bom-crioulo, a essas alturas muito mais senhor do grumete do que a própria Marinha. Estava preparado, pois, o caminho para a iniciação sexual.

## **A iniciação**

O agente da iniciação do grumete é Amaro. O paciente é Aleixo. Mas é em Aleixo que se processa a iniciação. Essa iniciação

é o preço pago pela proteção diante dos outros marujos. É também um redutor ainda mais radical do poder de arbítrio do personagem adolescente. Aleixo se reduz ao cordeiro levado ao sacrifício. Daí que ao se olhar no espelho, presente de Bom-crioulo, ele se vê “uma cara de carneiro mocho” (CAMINHA, 1983:25). A imagem desse “carneiro mocho” é retida nas poucas dimensões do espelho. Reter a imagem no pequeno espelho que Bom-crioulo lhe presenteara é símbolo também da submissão. O retido se retém todas as manhãs ao se olhar e aprisionar sua imagem ao espelho, ou seja, ao Bom-crioulo. E quando Bom-crioulo avista Aleixo todo arrumado no convés, após a *toilette*, seu desejo de posse é “abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo de seu corpo” (CAMINHA, 1983:25). Atente-se para a submissão física também a que Aleixo já começa a se submeter e para a qual vai andando inapelavelmente. A relação que se delineia entre os dois é, pois, de total passividade por parte de Aleixo: o objeto do prazer de Amaro.

Bom-crioulo também cerceia a liberdade de Aleixo ao criar entre os dois uma rede de pequenos segredos como, por exemplo, seus planos de alugar às escondidas um casebre na Rua da Misericórdia. Aleixo é intimado pelo crioulo para guardar esse segredo. Guardar o segredo de alguém é guardar esse alguém.

A figura do efebo vai se estruturando paralela à do passivo cordeiro a ponto das duas se imbricarem numa só. E o autor se deixa trair nesse teor de coincidências quando trata a paixão de Amaro como um “forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega” (CAMINHA, 1983:30). E para se consumir o ato sexual inicial entre os dois, o ritual da iniciação posto em prática ao longo dos dias veio à tona, antes da culminância. Afinal esse processo ocorre em Aleixo.

*Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessa de Bom-Crioulo: o quartinbo da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios.... lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue im-*

*pulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse - uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se, e consumou-se o delito contra a natureza. (CAMINHA, 1983:30)*

Nessa passagem, fica claro que há algo de gratidão por parte de Aleixo por ter sido defendido por Amaro quando fora assediado inicialmente por outros marinheiros. Há também gratidão pelo tratamento recebido no pequeno compartimento da embarcação onde os dois eram instalados e sua condição era tão passiva em tudo isso que o único bem talvez que ele tivesse a dar para agradecer a seu protetor fosse atender os íntimos desejos do negro. Atente-se também para a maneira como o autor encara a relação homossexual, o que comprova seu distanciamento dos fatos narrados.

## **A emancipação**

Após o primeiro contato físico entre Bom-crioulo e Aleixo rompera-se a última trincheira de resistência do grumete ao negro, através do qual configura-se a conclusão de “que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres” (CAMINHA, 1983:32). Esse pensamento de Bom-crioulo nos remete a outro personagem marinheiro, de *Cais, saudade em pedra*, de Moacir C. Lopes, um tal de cabo Lemos que ao preferir também um João-Conguinho, espécie de Aleixo, naquela obra, afirma: “o único amor puro é o do homem pelo homem” (LOPES, 1973:58).

Esse idílio toma tanto a feição de posse que os dois terminaram coabitando num casebre do cais do porto. É ali onde surge a figura de Carolina, portuguesa já madura, farta de carnes ainda rijas. É ela que aluga um dos seus quartos para os dois marinheiros instalarem um ninho de amor. Naquele quarto, Bom-Crioulo e Aleixo vivem momentos de carnalidade febril e fantasias luxuriosas. Mas o

destino lá fora trama contra esse enlace, separando os dois em navios diferentes, o que dificulta os encontros amiúde. A falta de encontro entre os dois não é falta para Aleixo, só para Amaro.

O grumete na sua necessidade de dependência, na ausência de Bom-crioulo, até chegou a pensar em procurar outro amante: “Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já estava acostumado àquilo...” (CAMINHA, 1983:43)

É aí que a presença de Carolina toma uma nova feição. Mulher de 38 anos, ferosa, via em Aleixo a execução da maternidade que nunca exercera, em primeiro lugar, depois, nele estava a excelência, em termos de amante.

*Há dias metera-se na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga – dando-lhe tudo enfim. (Ibidem: 44)*

Dá-se então a conquista. O grumete é conquistado pela prostituta. A relação amorosa entre os dois é de uma volúpia crescente. Aleixo experimenta um novo fenômeno na sua vida: a sensação do homem, do amante ativo. É essa passagem de passivo para ativo que provoca profundas transformações em Aleixo. Aleixo emancipa-se. E essa emancipação decorre da passagem de passivo, com Bom-crioulo, para ativo, com Carolina. Pela primeira vez na vida Aleixo se sente poderoso, dominador ou como afirma Foucault (1984:190):

*a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido.*

## **A imolação**

Estava o grumete aos poucos se envolvendo com Carolina e se afastando da possibilidade de reaproximação de Bom-crioulo. É tanto que as lembranças do período de conluio com Bom-crioulo eram verdadeiros pesadelos. Enquanto isso, o ciúme sentido por Bom-crioulo ampliou-se quando soube que Aleixo estava enrabichado por outra pessoa. Aleixo estava sendo bem tratado por Carolina, preparado para o sacrifício. “Tudo ela guardava para o seu formoso marinho: eram frutas, doces, comidas especiais, quitutes à portuguesa, isso, aquilo outro...” (CAMINHA, 1983:65). O cordeiro estava em plena engorda para o sacrifício final. E o sacrificador / verdugo sendo preparado no seu ódio de abandono no hospital feito fera enjaulada. E no antigo leito de amor entre Aleixo e Amaro, na parede, a figura inquisitorial do Imperador: o poder punidor. Ali no retrato de D. Pedro II estava o poder político, o poder conservador e o alerta de que a punição viria. Ali estava a própria marinha e as atribuições sofridas pelo autor.

A presença da figura do Imperador era a repressão, era o castigo sobre a transgressão dos três personagens, sendo o sacrifício maior desempenhado por Aleixo. E o altar era a pedra do porto do Rio de Janeiro lavada pela garoa da noite úmida. O horário, a manhã, quando as pessoas estão mais sensíveis aos impactos, já que saídas do sono acalentador. Abraão é o Imperador com o poder de sacrificar. E os três personagens todos são sacrificados. Bom-crioulo se mata ao matar Aleixo, anulando-se. Carolina morre ao perder sua última esperança de ter o filho, o amante e o companheiro ideal, aborta. Aleixo é o cordeiro. “Toma-se uma vaca de três anos, e uma cabra de três anos e um cordeiro de três anos...” (BÍBLIA SAGRADA, Exequiel, 1.1. 1968:670)

## **A instauração**

Aleixo incrusta-se como modelo nos outros personagens. Como cordeiro, Amaro também é vítima: ex-escravo, mesmo alforriado com o ingresso na Marinha, sua condição subalterna

perdura por toda a vida e as chibatadas que leva no lombo fazem-no cordeiro em sacrifício. Além do mais, perder Aleixo é imolá-lo, é imolar-se. O mesmo pode-se dizer de Carolina, prostituta, tendo que se entregar ao açougueiro, note-se a coincidência, para sobreviver, e por fim é submetida ao sacrifício final, ao perder o único bem que dava sentido a sua vida: Aleixo, sinônimo de conquista, esperança e maternidade. E o autor como cordeiro instaura-se ao se submeter ao discurso para afirmar-se e contar a história dos maus-tratos na Marinha, que é sua própria história, a história do seu desassossego, do seu mal-estar, da sua condição de vivente de final de século. Nessa condição, “o novo sempre assusta” (Buermeister, 1997:19), desassossega.

Isso acontece numa criatura vítima dos preconceitos sociais e do corporativismo de setores das Forças Armadas. Foi, no entanto, o próprio Adolfo Caminha que provocou a ira da sociedade fortalezense do final do século, ao se unir com Izabel Jataí, esposa de um oficial do Exército, e com ela desfilar pelas ruas da cidade ainda no calor dos comentários.

A sociedade hipócrita da época o condenou e ele em resposta mostrou seu mal-estar, escrevendo *A normalista* como denúncia dessa sociedade. Perseguido na Marinha, por conta de sua união amorosa, escreveu *Bom-crioulo*, e denunciou a tortura e o homossexualismo na armada. Além de condenado pela corporação, também o foi pela crítica brasileira até recentes dias. Esses fatos tornaram *Bom-crioulo* o livro símbolo do desassossego na Literatura cearense e quicá brasileira.

É, no entanto, no leitor onde se reverbera mais pungente o destino de Aleixo. Porque cada um tem seus momentos de cordeiro levado ao sacrifício pelos mecanismos sociais a que tem de se submeter. Os grandes aglomerados humanos da atualidade nada mais são do que altares para imolações e a simbologia das ruas repletas de pessoas como cordeiros em corredores, silenciosos em direção a um sacrifício, instauram em qualquer época a condição humana cordeira e ordeira.

Essa condição humana, fruto da “ratio” a que a modernidade condicionou o homem é uma das provocadoras do mal-estar do fim do século. A grande dúvida é nos lançarmos no novo milênio racio-

nais ou irracionais. O mal-estar é a grande dúvida que faz do ser humano um indeciso diante de um futuro dicotomizado. Por outro lado, de que valeria a vida sem os seus desassossegos, sem as suas dúvidas, sem as suas dicotomias, sem a sua subjetividade?

## **Bibliografia**

- AZEVEDO, Sânzio de. *Adolfo Caminha, vida e obra*. Fortaleza: Casa de José de Alencar / Programa Editorial, 1997.
- BÍBLIA Sagrada. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barchinense, 1968.
- BURMESTER, Ana Maria. Mal-estar e fim do século: uma relação necessária?. In: *O mal-estar no fim do século XX: seminário interdisciplinar*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1983.
- CAMPEDELLI, Samira Woussef. Uma moderna história sobre a paixão. (Pref.) *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *História de sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- LOPES, Moacir Costa. *Cais, saudade em pedra*. Brasília: INL, 1973.